



## A ALMA SONORA DO ANJO JOHNNY BLACK

**André Barbosa Filho**

USP / UNIBAN

O ano de 1972 tem um significado muito especial para mim. Foi neste período luminoso de minha vida, aos 20 anos de idade, que entre tantas descobertas, conheci o mundo dos espetáculos, dos meios de comunicação de massa e da mazelas da indústria do disco. Foi em data próxima ao Natal que, ao lado de alguns companheiros de adolescência, experimentamos o gosto inebriante do sucesso. Uma obra musical de minha autoria, balada com letra em inglês, interpretada pelo grupo de amigos universitários de São Paulo, chegava aos primeiros lugares das listas de canções mais executadas nas rádios brasileiras, com vendas espetaculares, que chegariam a nos conceder um disco de ouro por tal performance. (1)

Participando de todos os programas de rádio e TV da época, fase em que o cinescópio colorido começava a ser oferecido aos consumidores brasileiros, pudemos observar a transformação imposta pela nova tecnologia `a cores` às produções dos programas de TV, com sua cenografia exuberante e seus apresentadores com vestimentas extravagantes como, também, os primórdios da crise que o rádio vivenciava, ao perder sua hegemonia junto ao público para as programações visualizadas na `telinha`.

O rádio sofria a baixa nos investimentos publicitários e para sobreviver, inventava fórmulas, algumas delas, com grande penetração junto ao público. Um das programações mais exitosas, sem dúvida, era a da *Rádio Bandeirantes de São Paulo*, com seu jornalismo inovador para época, com seus monstros sagrados, como Alexandre Kadunk e o mestre Vicente Leporace e o seu desafiador `Trabuco`. No departamento artístico, nomes

(1) A música citada é `Tell me once again`, criação de B. Anderson, pseudônimo de André Barbosa Filho, interpretada pelo grupo Light Reflections, cujo êxito entre 1972 e 1973, propiciou aos músicos o disco de ouro pela venda superior a um milhão de compactos simples. A canção foi lançada em 17 países e foi objeto de 31 gravações.



como Humberto Marçal, a voz padrão da emissora e aquele que seria considerado o maior comunicador do rádio brasileiro, Helio Ribeiro e o seu diário *'O poder da mensagem'*, traziam para o panorama radiofônico *'um novo modo de se fazer rádio'*, com sua locução especial em contraponto a uma sonoplastia cujo requinte era admirado por profissionais e pela opinião pública em geral.

Quase sempre nos bastidores, relegados a um segundo plano injusto e por vezes cruel para sua importância no conjunto geral das programações radiofônicas, os sonoplastas destacavam-se neste período onde a criatividade era a palavra de ordem para a sobrevida da mensagem sonora. Mesmo antes, na dita *'fase de ouro do rádio'*, entre os anos 40 e 50, quando da montagem das radionovelas e seriados, na captação das orquestras e grupos musicais dos programas de auditório, os técnicos de som, operadores de áudio e os contra-regras, constituíam-se numa legião de anjos da alma sonora que povoavam de tons, palavras, ruídos e silêncio o espaço radiodifundido.

Anjos da alma sonora que, muito embora o respeito que, como o inesquecível Edmo do Vale, da grandiosa *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, impunham aos colegas produtores e radioatores, nem sempre viam este reconhecido transformado em ganho financeiro, em melhoria em sua vida pessoal.

Neste início dos anos 70, o declínio da resposta de audiência programação radiofônica já se fazia sentir. A resistência vinha através do talento de produtores e comunicadores e pela genialidade de sonoplastas como aquele que fomos conhecer como grupo musical jovem de sucesso, no segundo andar do Edifício Radianes da *Rádio Bandeirantes*, ao nos apresentarmos *'ao vivo'* no programa do apresentador e jornalista Helio Ribeiro. O ritmo de produção era alucinante e a técnica parecia um campo de batalha: discos fora da capa, empilhados numa ordem indecifrável por todos os cantos, mesas e cadeiras, junto com um amontoado de cópias de roteiros, jogados, desprezados como folhas mortas que tombaram dos galhos, provavelmente, por fazerem parte de textos que já haviam ido ao ar. Tudo em volta de uma mesa Harris, com seus potenciômetros redondos e diante de um *'aquário'*, aquela superfície envidraçada de contato entre a técnica e a cabine de locução. O piloto do programa era o Helio Ribeiro, que, sem levantar a cabeça, com os óculos pendurados na ponta do nariz, a enfrentar a lei da gravidade, fazia sinais, incompreensíveis para nós músicos imberbes a espera de sua vez para se apresentar, dirigidos a uma figura



inesquecível, de calça `jeans` surrada, camisa `Volta ao Mundo` aberta no peito e meio para fora da calça, sandálias de couro e um sorriso contagiante de uma alvura de teclado bem ao caráter de sua postura de príncipe nagô, que realmente era. Seu nome: João Antonio de Souza, o Johnny Black.

Aquela audição do Light Reflections no programa Helio Ribeiro foi memorável. A canção “Tell me once again” já estava sendo executada diariamente pelo programa, inclusive com direito a tradução do texto em inglês para o público na voz grave do apresentador.

Mas o incrível foi a entrevista. Cada citação que fazíamos falando sobre as nossas influências, preferências, etc., em resposta as perguntas do Hélio, muito simpático e interessado, era acompanhado quase que por magia pelo Johnny Black que exemplificava nossas falas com a trilha adequada que era substituída por outra e mais outra como se tivéssemos adiantado a ele, o roteiro musical do depoimento o que, efetivamente, não aconteceu. Falávamos dos Beatles e de `Sometinhg` e de fundo se podia ouvir, concomitantemente a nossa fala, a canção de George Harrison. Se o exemplo era o tropicalismo e a música `Domingo no Parque`, lá estava `em cortina` a voz de Gilberto Gil e as guitarras elétricas dos Mutantes. Nada pré-montado, tudo ali, acontecendo na hora. Isto, além da trilha incidental que estava sendo `mixada` para complementar a informação, fruto da entrevista. Uma verdadeira obra de arte a montagem do Johnny Black.

Confesso que esta performance me impressionou. Anos mais tarde, já radialista, trabalhando como produtor no *Sistema Globo de Rádio*, mais especificamente na *Excelsior AM*, hoje *CBN*, pude reencontrar o Johnny. Me lembro com clareza das várias conversas na padaria da rua das Palmeiras, ou mesmo no estúdio de gravação da rádio, onde ele, sempre atualizado, conversa sobre os lançamentos não incluídos nos suplementos promocionais das gravadoras e que quase sempre continham as maiores preciosidades da música contemporânea. O Johnny estava sempre `por dentro` de tudo. Me lembro de algumas conversas em que ele dizia que naquele ponto de sua carreira, só trabalhava com produtores que, de antemão, lhe enviavam o roteiro do programa para que ele pudesse construir a trilha sonora correspondente. Ele, como eu, assistiu a mudança do perfil da *Excelsior* de rádio jovem para rádio adulta em 1981, sob a direção de Francisco Paes de Barros. O jornalismo ganhou, a partir daí, uma nova roupagem com a incursões musicais do sonoplasta. O texto



do jornalista Heródoto Barbeiro, publicado no `site` da Revista Imprensa, no espaço `Colunistas` lembra este tempo: “...Um belo dia, Johnny foi escalado para o jornal da manhã. Chegou armado dos seus discos. E continuou com os comentários musicais, que viraram uma marca que uso até hoje. Uma notícia de economia e lá vinha o “Dinheiro p’ra que dinheiro, se ela não me dá bola, na casa de batuqueiro, quem fala alto é viola”. Ou uma medida do ministro da fazenda, e ele acrescentava “o que me vale um saco cheio de dinheiro, se não dá p’ra comprar um quilo de feijão”. Confesso que um dia achei que todos íamos ser demitidos. Depois de mais uma denúncia envolvendo uma gama de políticos do escalão federal, Johnny comentou: “se gritar pega ladrão, não fica um meu irmão”. (2)

A programação mudava e com ela as possibilidades. Quando substitui o Mario Tadeu no programa *Fausto Canova* como produtor musical a convite do brilhante produtor geral, Marino Maradei, pude dar asas a imaginação e contar com este anjo da alma sonora e realizar montagens memoráveis para o gáudio do Canova, um verdadeiro cultivador do melhor da música.

Johnny foi o responsável, em grande parte, pelo sucesso do *Balancê*, um programa de variedades transmitido no início dos 80 pela *Excelsior*, que surgiu de um projeto do Osmar Santos, Yara Perez, Paulinho Matiucci, Juarez Soares, Nelson Tatá Alexandre, Fausto Silva e tantos, tantos outros. O Johnny, nesta fase voltou a brilhar como na fase do Helio Ribeiro. A Rádio *Excelsior* vivia um grande momento.

A este tempo era chefe da discoteca das Radios *Excelsior* e *Globo*. Quantas vezes pude observar o cuidado do Johnny em selecionar os temas para a construção dos fundos e inserções incidentais do programa. Ele já sabia o que queria. Não perdia muito tempo. Todo dia, ele chegava pelas dez horas da manhã, ficava uns quinze minutos, ouvia alguma coisa, tirava alguma coisa, contava uma piada, brincava com a equipe de discotecários e ia, sempre as gargalhadas.

O programa foi aos poucos se modificando e com a saída do Osmar da *Excelsior*, Juarez Soares e depois Fausto Silva passaram a comandá-lo. Foi com o Fausto que Johnny pode fazer uma bela dupla, levando o *Balancê* para ser irradiado `ao vivo` de um velho teatro na rua Apa, próxima a Rua das Palmeiras.

Este foi embrião do programa televisivo `Perdidos na Noite` transmitido diariamente pela TV Bandeirantes eu que levou o Faustão a projeção nacional. O Johnny



estava lá, brilhando. O anjo da alma sonora, novamente, pairava sobre o êxito do programa de miscelânea que o apresentador gordo desbocado e irreverente capitalizava.

A continuação da história todo mundo sabe. O sucesso do `Perdidos` trouxe a fama para o Faustão. Mas o Johnny, este ficou onde sempre esteve. Entre as bolachas de vinil, as montanhas de fitas magnéticas e as contas a pagar.

Ao final dos nos 80, atuando como coordenador da FM RECORD, pude reencontrar o Johnny Black. Aparentando um pouco de cansaço, sempre ficava com o semblante iluminado se a proposta era criar. Sair do marasmo das montagens de comerciais, dos fundos básicos dos programas de série era a glória. E conversávamos, como velhos amigos, falando de sonhos, de histórias do rádio e de radialistas. E tudo terminava com uma passada no estúdio para ouvir uma novidade que ele trazia escondida em alguma gaveta estratégica ou na cantina do Bussa, para devorar um misto de queijo prato e apresuntado, com uma coca-cola nem sempre muito gelada. E mais tarde, a noite era uma criança entre um trago e outro na padaria Orquídea, atrás da rua Miruna, no bairro do Aeroporto. .

E , é óbvio, entre tantas bravatas e chistes, veio a decepção com os rumos da carreira. A mulher, transferida para o Fórum de São José do Rio Preto levou o Johnny consigo. Queria o melhor para ele, que ele tivesse uma vida mais saudável; que pudesse trabalhar numa emissora do interior com menos estresse, com mais tempo para ele e para a família. Mas o Johnny não agüentou muito tempo. Voltou. Sentiu falta da rotina dos corredores esfumaçados, das fofocas do meio, da possibilidade de criar e de ver seu trabalho reconhecido.

Foi por volta de 1989 que eu vi o Johnny pela última vez.. Fiquei sabendo que ele havia voltado a mesa de som. Primeiro na Cultura, depois na Rua das Palmeiras, na CBN e por fim, na Rádio América.

E assim, aos poucos, o Johnny se foi. Batendo as asas, em meio a uma orquestra celeste, *a gauche* por certo, composta de querubins alternativos e serafins `undergrounds`. E nós ficamos órfãos, navegando na mesmice, companheiros da burrice dos plágios, do humor grosseiro, do jornalismo sem imaginação.

(2) **BARBEIRO, Heródoto** *Johnny Black* – Revista *Imprensa* , site, colunistas – Radio escuta – [www.uol.com.br/imprensa/colunista/radioescuta](http://www.uol.com.br/imprensa/colunista/radioescuta)



Num belo momento de ternura e respeito reproduzimos outro trecho do texto onde Heródoto Barbeiro rende suas homenagens ao espetacular Johnny: “...Era um homem à frente de seu tempo. Por isso incompreendido pelos chefes, invejados por muitos colegas e admirado pelos que reconheciam o seu talento. Como a maioria dos operadores, era mal pago, bebia e era profundamente emotivo, como poucos seres humanos conseguem ser. Mas era um amigo, uma usina de idéias e de soluções para o dia-a-dia do rádio...”(3)

Num `site` assinado por produtores da rádio Cultura AM, podemos ouvir um dos trabalhos de Johnny Black como sonoplasta ao lado de Benito di Nardo, a eça sonora `O Homem do Ventoforte` que pode ser capturado no endereço [www.caracol.imaginario.com/letrasonora/indexpage.html](http://www.caracol.imaginario.com/letrasonora/indexpage.html) (4)

E quase como um epitáfio, um aviso do sindicato dos radialista de São Paulo, informando que o processo trabalhista movido por alguns profissionais contra a rádio América havia sido julgado procedente e que o ressarcimento estava a disposição. Da listagem de beneficiados consta o nome de João Antonio de Souza. A família, esposa e filha, agradecem.

E em seu nome, de anjo da alma sonora, gostaríamos de prestar uma singela homenagem aos operadores e sonoplastas de todo o país, que com seu talento, preenchem os nossos vazios existenciais, criam a trilha sonora do amor que fazemos ou que gostaríamos de fazer, adoçam a crueza dos fatos cotidianos e nos recordam que somos gente vivendo num mundo repleto de expectativas, realizações, derrotas, ansiedades e sonhos.

O Rádio é produzido diuturnamente por muitos candidatos a anjos da alma sonora. E, por certo, estes devem ter como entidade de devoção, um certo João Antonio de Souza, o Johnny Black que, num espaço de tempo inesquecível, iluminou o cenário do rádio de São Paulo

(8) HERÓDOTO, Barbeiro Op. Cit.

(4)Referência ao `site` CARACOL – [www.caracol.imaginario.com/letrasonora/indexpage.html](http://www.caracol.imaginario.com/letrasonora/indexpage.html)